

FECUNDIDADE MASCULINA EM MUNICÍPIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO EM 2013

PALAVRAS-CHAVES:

Fecundidade Masculina – Fecundidade Feminina – Relação de Gênero

Kaique Falcão¹

Escola Nacional de Ciências Estatísticas – ENCE/IBGE

¹ Mestrando em População, Território e Estatísticas Públicas (ENCE/IBGE).

FECUNDIDADE MASCULINA EM MUNICÍPIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO EM 2013

RESUMO:

Os estudos sobre fecundidade estão mais concentrados no papel da mulher nesta dinâmica. Deste modo, a Taxa de Fecundidade Total (TFT) e a Taxa Específica de Fecundidade (TEF) são calculadas com base no número de filhos por mulher em um determinado período. O presente artigo tem por objetivo calcular a TFT e a TEF dos homens, em 14 municípios do Estado de São Paulo no ano de 2013. As bases de dados utilizadas para o cálculo serão os microdados do Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC) e as informações populacionais por sexo e grupos etários disponibilizadas pela Fundação SEADE. Desde 2010, a Declaração de Nascidos Vivos (DNV) dispõe da informação idade do pai, entretanto esta apresenta um alto valor de não declaração em muitos municípios. Os municípios selecionados foram àqueles que apresentaram mais de 1.500 nascimentos no ano e registros sem idade declarada do pai inferior a 8,0%. Os resultados apontam que em 13 municípios a cúspide da fecundidade masculina é no grupo 30 a 34 anos, entretanto os padrões da curva da TEF são distintos. Quando comparada a cúspide da fecundidade de homens e mulheres, observa-se que em três municípios elas são iguais, porém nos outros, a masculina é mais envelhecida comparada a feminina. Quanto a diferença de idade entre pais e mães, as mulheres do grupo etário mais jovem (15 a 19 anos) são, em média, cinco anos mais novas que os homens. Entretanto, nos últimos grupos etários há uma inversão nesta relação. Quanto a TFT masculina, todos os municípios encontram-se abaixo do nível de reposição e a diferença da TFT masculina e feminina, com exceção de dois municípios, não chega a 0,10.

PALAVRAS-CHAVES:

Fecundidade Masculina – Fecundidade Feminina – Relação de Gênero

INTRODUÇÃO

As teorias e estudos sobre fecundidade no campo da demografia e da sociologia são direcionadas quase que exclusivamente à mulher, ignorando o papel do homem na

reprodução. Desta forma, a maior parte dos estudos sobre a fecundidade masculina é desenvolvida nas áreas médicas e biológicas (TRAGAKI; BAGAVOS, 2014; ZHANG, 2011).

As razões da fecundidade estar relacionada com a população feminina em idade fértil encontram-se em questões biológicas. As mulheres possuem um período fértil melhor definido que os homens – o período fértil masculino é indeterminado e mais longo que o feminino – e, como a mulher está diretamente envolvida na gestação, a certeza da maternidade é maior que a da paternidade. (TRAGAKI; BAGAVOS, 2014; CARVALHO; SAWYER; RODRIGUES, 1998; ZHANG, 2011). O envolvimento na gravidez gera uma consequência na coleta de dados, pois em alguns países o registro da criança é feito no nome da mãe, o que pode gerar registros com a idade do pai não declarada, principalmente, quando este não está envolvido na gravidez (TRAGAKI; BAGAVOS, 2014; ZHANG, 2011).

A demanda por estudos da fecundidade masculina tornou-se crescente à medida que questões relacionadas à paternidade e apoio à criança ganharam destaque. O *U.S. Bureau of the Census* examinou a fecundidade masculina em seus relatórios somente em 1996, demonstrando que este interesse é recente (BACHU, 1996).

No Brasil a realidade não é diferente e o interesse por este campo também é recente, com destaque para Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS) de 1996 que incluiu uma amostra de homens em sua população de pesquisa (OLIVEIRA, 2007). Deve-se destacar, também, que no Censo Demográfico de 1960 o quesito R do questionário de pesquisa – se teve filhos quantos, inclusive os que nasceram mortos? – foi aplicado tanto aos homens quanto às mulheres (IBGE, 1960). O mesmo não se repetiu nos Censos posteriores.

Apesar destas iniciativas, as fontes de dados no Brasil para examinar o nível e o padrão da fecundidade masculina são escassas. Entretanto, desde 2010 o Ministério da Saúde incluiu na Declaração de Nascido Vivo (DNV) – documento que alimenta o Sistema de Informação de Nascidos Vivos (SINASC) –, os campos ‘nome’ e ‘idade do pai’ (MS, 2011). Desta forma, este registro administrativo passou a ter informações que podem ser usadas para calcular a TEF e a TFT dos homens brasileiros.

Apesar de ser uma nova fonte de dados para este campo de estudo, as informações do SINASC ainda apresentam uma grande quantidade de registros cuja idade do pai não foi declarada, limitando os recortes geográficos de análise. De acordo

com os critérios usados por esta pesquisa – pelo menos 1.500 nascimentos no município em 2013 e registros com idade do pai não declarada inferior a 8,0% –, apenas 35 municípios em todo o Brasil poderiam ser selecionados, sendo que apenas um deles está fora das Regiões Sudeste e Sul e nenhum deles é uma capital ou uma grande cidade. O presente artigo tem por objetivo examinar o TEF e a TFT masculina em 14 municípios do Estado de São Paulo no ano de 2013.

REVISÃO DA LITERATURA

Apesar das limitações de analisar a fecundidade sob uma ótica masculina considerando as vantagens de analisá-la com foco na mulher, estas não impedem de relacionar e determinar a fecundidade dos homens (CARVALHO; SAWYER; RODRIGUES, 1998). Mesmo que ainda em número inferior em relação as mulheres, encontra-se na literatura algumas pesquisas que buscam calcular a TEF e a TFT masculinas.

Segundo Zhang (2011), em Taiwan, a TFT dos homens entre 1975 e 1988 era superior a das mulheres e a partir de 1989 até 2002 a diferença entre as duas tornou-se muito pequena. Porém, em 2002, a cúspide da TEF masculina se deu no grupo etário 30-34 anos enquanto a feminina 25-29.

Ao realizar uma análise comparativa da TEF de homens e mulheres dinamarquesas entre 1980 e 2010, Nordfalk et al. (2015) observam que as TEF's evoluíram de forma semelhante e que, em 2010, a cúspide de ambas se dá aos 31 anos. Observam, também, que a paternidade dos homens dinamarqueses após os 50 anos é próxima de zero. Os autores destacam que a TFT feminina é maior que a masculina e justificam esta diferença pelo fato de existirem mais homens do que mulheres nas faixas etárias mais relevantes.

A pesquisa de Tragaki e Bagavos (2014) mostra que a cúspide da fecundidade dos homens gregos não sofreu alteração entre 1992 e 2011, entretanto a idade média da paternidade subiu de 31,2 anos para 34,8 e o padrão da curva da TEF sofreu modificações, com um leve deslocamento para direita. A fecundidade de homens gregos apresenta diferença quando analisada pela escolaridade. Em 2011, a menor TFT era dos homens com menor escolaridade (1,00), seguida pelos homens com nível superior (1,15) e por homens com 12 anos de escolaridade (1,32). Segundo os autores, a baixa

TFT dos homens gregos pode estar relacionada com a séria crise econômica que afetou o país.

Nos Estados Unidos, a fecundidade masculina também apresenta distinção quando analisada por escolaridade e raça/etnia entre os anos de 2006 e 2010. Homens mais escolarizados tem menos filhos comparados aos que estudaram menos. Quanto a etnia observa-se que os hispânicos nascidos fora dos EUA tem mais filhos que as outras etnias, seguido por hispânicos nascidos dentro dos EUA, negros, brancos e por fim, os asiáticos (MARTINEZ; DANIELS; CHANDRA, 2012).

Ainda sobre os Estados Unidos, a pesquisa de Hynes et al. (2008) analisa a fecundidade masculina de adolescentes naquele país, comparando-a com a feminina. As bases destas análises foram a *National Longitudinal Surveys of Youth* de 1979 e 1997, e na *National Survey of Family Growth* de 2002. Os autores observam que entre 1972 e 2002 a fecundidade no grupo de 15-19 anos reduziu tanto para mulheres quanto para homens, porém que ter o primeiro filho neste grupo é mais comum entre as mulheres. Entretanto, analisam que entre os homens existem evidentes diferenças por raça, pois a proporção de homens brancos que tem seu primeiro filho na adolescência é muito inferior a dos negros e hispânicos.

Como já mencionado anteriormente, a PNDS de 1996 é uma das poucas fontes para se examinar a fecundidade com foco no homem brasileiro. De acordo com a pesquisa, 87% dos homens unidos declararam ter pelo menos um filho, sendo que no geral 56% relataram nunca terem tido filhos, 27% ter um ou dois filhos e 17% pelo menos três filhos. Ao comparar a parturição média e as taxas de progressão por parturição de homens e mulheres não se verifica grandes diferenças (BADIANI; CAMARANO, 1998).

Outras informações se destacam na PNDS de 1996. Também não há grandes diferenças no desejo de quantidade de filhos que homens e mulheres gostariam de ter. Assim como no desejo de ter mais um filho, para homens e mulheres que já possuem pelo menos um (BADIANI; CAMARANO, 1998).

METODOLOGIA

Além da PNDS, é possível encontrar informações sobre filhos por homens no Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC). O SINASC é o sistema onde

são registrados os nascidos vivos em território nacional, por meio da Declaração de Nascido Vivo (DNV). A DNV é um documento pré-numerado em três vias carbonadas e deve ser preenchida por um profissional da instituição onde o parto foi realizado – ou nos cartórios em caso de parto domiciliar –, sendo imprescindível para a realização do Registro Civil do recém-nascido (CONASS, 2011). Apesar de implantado em 1990, apenas em 1998 passou a cobrir todos os municípios brasileiros (JORGE ET AL., 2007).

O formulário da DNV sofreu alterações desde sua implantação com inclusão ou retirada de informações (JORGE ET AL., 2007). A última modificação ocorreu em 2010, quando foram inseridas as perguntas nome do pai e idade do pai. Entretanto, deve-se esclarecer que a DNV não é suficiente para oficializar a paternidade, esta só pode ser atribuída voluntariamente por meio de um Oficial de Registro Civil ou por ação judicial (MS, 2011).

Mesmo sendo considerado um avanço no registro de informações vitais no Brasil, quando comparado aos dados de nascidos vivos estimados pelo IBGE, o SINASC demonstra uma falha de cobertura, porém esta não é igual em todo país (JORGE ET AL., 2007; MS, 2013). No Estado de São Paulo, nos anos de 2009, 2010 e 2011, o SINASC captou mais nascidos vivos que a estimativa do IBGE, atingindo uma cobertura superior a 100,0% (MS, 2013).

O banco de dados de 2013 do SINASC, foi a base utilizada para determinar a fecundidade de homens e mulheres. Para a seleção dos municípios foram utilizados dois critérios: (1) ter registrado mais de 1.500 nascimentos no ano e (2) registros com idade do pai não declarada inferior a 8,0%. Apenas 14 municípios paulistas no ano de 2013 cumpriram estes dois critérios, como informado na Tabela 1.

Dentre os 14 municípios nenhum deles apresentou idade não declarada da mãe. Porém, para a comparação da fecundidade de homens e mulheres, utilizou-se apenas os registros cuja idade do pai foi declarada.

As variáveis utilizadas para este estudo foram a idade do pai, a idade da mãe e o município de residência, sendo as três vinculadas ao mesmo registro do recém-nascido. Entretanto, é necessário reconhecer que o município de residência refere-se a mãe da criança e não ao pai. Desta forma, esta pesquisa partiu do pressuposto que a quantidade de pais que não residem no mesmo município que a mãe, não é grande o suficiente para invalidar os resultados.

Tabela 1: Registros com idade declarada e não declarada nos municípios paulistas selecionados no ano de 2013

MUNICÍPIO	IDADE DECLARADA		IDADE NÃO DECLARADA		TOTAL
	Quantidade	%	Quantidade	%	
1 Araçatuba	2.144	93,7	144	6,3	2.288
2 Araraquara	2.563	94,9	139	5,1	2.702
3 Botucatu	1.544	93,3	111	6,7	1.655
4 Franca	4.520	97,5	115	2,5	4.635
5 Itu	2.237	94,4	133	5,6	2.370
6 Limeira	3.292	93,7	220	6,3	3.512
7 Piracicaba	5.062	95,9	216	4,1	5.278
8 Rio Claro	2.214	94,9	120	5,1	2.334
9 Santos	4.640	93,3	333	6,7	4.973
10 São Caetano do Sul	1.539	93,0	115	7,0	1.654
11 São Carlos	2.886	95,9	124	4,1	3.010
12 Sertãozinho	1.501	92,5	121	7,5	1.622
13 Sorocaba	8.625	94,7	487	5,3	9.112
14 Tatuí	1.598	93,9	103	6,1	1.701

FONTE: MS (2015). Microdados do SINASC 2013.

Quanto a faixa etária utilizada para o cálculo da TEF masculina não observou-se na literatura uma padronização. Em suas pesquisas, Nisén et. al. (2014) e Tragaki e Bagavos (2014) incluem homens entre 15 e 64 anos. Já Nordfalk et. al. (2015) baseiam sua análise em homens de 14 a 70 anos. Martinez, Daniels e Chandra (2012) usam uma faixa mais estreita, 15 a 44 anos. Bachu (1996) trabalha com maiores de 15 anos, sem estabelecer um limite superior de idade. Após análise empírica dos dados em todos os municípios selecionados, observou-se que os registros cujos pais tinham mais de 60 anos de idade não era robusto suficiente para alterar a TFT dos homens. Desta forma, estabeleceu-se a seguinte faixa etária para a esta população: 15-19 anos, 20-24 anos, 25-29 anos, 30-34 anos, 35-39 anos, 40-44 anos, 45-49 anos, 50-54 anos e 55-59 anos.

Quanto a faixa etária para a estrutura da fecundidade feminina usou-se aquela já padronizada na literatura: 15-19 anos, 20-24 anos, 25-29 anos, 30-34 anos, 35-39 anos, 40-44 anos e 45-49 anos.

Para os dados de população por sexo e grupos etários dos municípios selecionados para o cálculo da TEF e da TFT, foram utilizadas as informações disponibilizadas pela Fundação SEADE para o ano de 2013.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Considerando que o número de filhos das mulheres e dos homens tendem a ser iguais, espera-se que suas TFT's também sejam iguais. Entretanto, isso não quer dizer que estas tenham exatamente o mesmo valor. Há três razões que podem gerar uma diferença:

- 1) Se as estruturas etárias das populações masculina e feminina forem muito distintas, espera-se uma diferença no valor da TFT de cada sexo – Nordfalk et al. (2015) justifica que a diferença da TFT de homens e mulheres dinamarquesas está justamente na estrutura etária de cada sexo;
- 2) Se a idade de homens e de mulheres ao ter o filho apresentarem uma grande diferença;
- 3) Se o filho for gerado por pais em que apenas um esteja dentro do período fértil – exemplo: se uma mulher de mais de cinquenta anos tiver um filho com um homem de menos de cinquenta; no caso este filho será contabilizado para o pai que está na faixa etária selecionada para os homens, mas não será contabilizado para a mãe, pois não está na faixa selecionada para as mulheres.

De qualquer modo, para gerar uma grande diferença na TFT de homens e mulheres, essas três razões devem ocorrer em grande volume. Caso não, elas geram diferenças muito pequenas, as vezes só identificada na segunda casa decimal.

A Tabela 2 apresenta a estrutura etária da população masculina e feminina dos municípios de acordo com os grupos quinquenais selecionados. Nenhum município apresenta uma distribuição etária muito distinta um do outro – tanto de homens quanto de mulheres. Destaca-se, porém, os municípios de Santos e São Caetano do Sul que apresentam um maior percentual de homens e mulheres com 30 anos ou mais de idade em relação aos outros municípios.

Tabela 2: Estrutura da etária da população por grupos quinquenais dos municípios, 2013

MUNICÍPIOS	SEXO		15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39	40 a 44	45 a 49	50 a 54	55 a 59
Araçatuba	Masculino	QT	6.770	7.050	7.438	7.452	7.030	6.777	6.579	6.038	5.080
		%	11,2	11,7	12,4	12,4	11,7	11,3	10,9	10,0	8,4
	Feminino	QT	6.478	7.028	7.640	7.826	7.509	7.289	7.198	-	-
		%	12,7	13,8	15,0	15,4	14,7	14,3	14,1	-	-
Araraquara	Masculino	QT	7.788	9.056	9.673	9.421	8.399	7.476	7.079	6.624	5.666
		%	10,9	12,7	13,6	13,2	11,8	10,5	9,9	9,3	8,0
	Feminino	QT	7.647	8.821	9.697	9.554	8.705	7.986	7.896	-	-
		%	12,7	14,6	16,1	15,8	14,4	13,2	13,1	-	-
Botucatu	Masculino	QT	5.131	5.449	5.751	5.589	5.033	4.418	4.077	3.829	3.336
		%	12,0	12,8	13,5	13,1	11,8	10,4	9,6	9,0	7,8
	Feminino	QT	5.072	5.361	5.809	5.777	5.207	4.703	4.486	-	-
		%	13,9	14,7	16,0	15,9	14,3	12,9	12,3	-	-
Franca	Masculino	QT	13.721	14.148	14.086	12.983	11.923	11.360	10.943	9.817	8.029
		%	12,8	13,2	13,2	12,1	11,1	10,6	10,2	9,2	7,5
	Feminino	QT	13.121	13.719	14.006	13.392	12.666	12.153	11.710	-	-
		%	14,5	15,1	15,4	14,8	14,0	13,4	12,9	-	-
Itu	Masculino	QT	6.600	6.866	7.128	6.975	6.392	5.778	5.233	4.648	3.812
		%	12,4	12,8	13,3	13,1	12,0	10,8	9,8	8,7	7,1
	Feminino	QT	6.351	6.613	7.060	7.035	6.472	5.948	5.580	-	-
		%	14,1	14,7	15,7	15,6	14,4	13,2	12,4	-	-
Limeira	Masculino	QT	11.073	11.720	12.472	12.044	10.940	10.123	9.621	8.838	7.586
		%	11,7	12,4	13,2	12,8	11,6	10,7	10,2	9,4	8,0
	Feminino	QT	10.841	11.604	12.546	12.241	11.322	10.658	10.291	-	-
		%	13,6	14,6	15,8	15,4	14,2	13,4	12,9	-	-
Piracicaba	Masculino	QT	14.481	15.340	16.761	16.425	14.496	13.074	12.217	11.223	9.615
		%	11,7	12,4	13,6	13,3	11,7	10,6	9,9	9,1	7,8
	Feminino	QT	13.982	14.877	16.500	16.767	15.095	13.528	12.987	-	-
		%	13,5	14,3	15,9	16,2	14,6	13,0	12,5	-	-
Rio Claro	Masculino	QT	7.198	7.846	8.549	8.462	7.538	6.668	6.351	5.899	4.881
		%	11,4	12,4	13,5	13,3	11,9	10,5	10,0	9,3	7,7
	Feminino	QT	7.167	7.704	8.420	8.463	7.763	7.072	6.747	-	-
		%	13,4	14,4	15,8	15,9	14,6	13,3	12,6	-	-
Santos	Masculino	QT	13.791	14.726	15.683	15.486	14.356	13.471	13.380	13.215	11.803
		%	11,0	11,7	12,5	12,3	11,4	10,7	10,6	10,5	9,4
	Feminino	QT	13.435	14.907	16.567	17.316	16.607	15.884	16.254	-	-
		%	12,1	13,4	14,9	15,6	15,0	14,3	14,6	-	-
São Caetano do Sul	Masculino	QT	4.565	5.124	5.724	5.725	5.301	5.000	5.053	5.123	4.465
		%	9,9	11,1	12,4	12,4	11,5	10,9	11,0	11,1	9,7
	Feminino	QT	4.421	5.058	5.981	6.391	6.114	5.819	6.021	-	-
		%	11,1	12,7	15,0	16,1	15,4	14,6	15,1	-	-
São Carlos	Masculino	QT	8.617	9.551	10.451	10.184	9.119	8.242	7.685	7.112	6.007
		%	11,2	12,4	13,6	13,2	11,8	10,7	10,0	9,2	7,8
	Feminino	QT	8.200	9.031	10.069	10.246	9.325	8.449	8.122	-	-
		%	12,9	14,2	15,9	16,2	14,7	13,3	12,8	-	-
Sertãozinho	Masculino	QT	4.649	4.994	5.500	5.381	4.684	4.007	3.708	3.369	2.763
		%	11,9	12,8	14,1	13,8	12,0	10,3	9,5	8,6	7,1
	Feminino	QT	4.340	4.924	5.456	5.282	4.622	4.160	3.898	-	-
		%	13,3	15,1	16,7	16,2	14,1	12,7	11,9	-	-
Sorocaba	Masculino	QT	24.753	26.274	28.289	27.321	24.083	21.529	20.053	17.958	14.763
		%	12,1	12,8	13,8	13,3	11,7	10,5	9,8	8,8	7,2
	Feminino	QT	24.034	25.729	27.528	27.400	25.111	22.627	21.481	-	-
		%	13,8	14,8	15,8	15,8	14,4	13,0	12,4	-	-
Tatuí	Masculino	QT	4.765	4.802	4.924	4.757	4.253	3.765	3.460	3.081	2.607
		%	13,1	13,2	13,5	13,1	11,7	10,3	9,5	8,5	7,2
	Feminino	QT	4.675	4.724	4.824	4.731	4.340	3.898	3.584	-	-
		%	15,2	15,3	15,7	15,4	14,1	12,7	11,6	-	-

FONTE: SEADE (2016).

A Tabela 3 apresenta a média das idades de pais e mães, assim como o desvio padrão e a diferença das médias. Observa-se que São Caetano do Sul, Santos e São Carlos são os municípios que apresentam as maiores médias de idade de pais e mães, sendo que o primeiro é o que apresenta a menor diferença de idade entre os sexos. Estes dados de São Caetano do Sul são próximos aos apresentados por homens e mulheres dinamarquesas em 2010, cuja diferença média de idade é de 2,5 anos, de acordo com a pesquisa de Nordfalk et al. (2015).

No geral os resultados são compatíveis com as análises realizadas por Badiani e Camarano (1998) sobre a PNDS de 1996. As autoras concluem que os homens começam a ter filhos depois das mulheres, ressaltando, porém, que esta constatação não é suficiente para se concluir que as mulheres possuem menos filhos que os homens.

Tabela 3: Média, desvio padrão e diferença das médias de idade de pais e mães nos municípios selecionados, 2013

MUNICÍPIOS	PAIS		MÃES		DIFERENÇA DAS MÉDIAS
	Média	Desvio	Média	Desvio	
Araçatuba	30,3	7,3	27,0	6,3	3,3
Araraquara	30,6	7,3	27,6	6,3	3,0
Botucatu	30,3	7,7	27,0	6,7	3,3
Franca	30,1	7,4	26,9	6,5	3,2
Itu	30,1	7,8	26,9	6,5	3,2
Limeira	30,5	7,3	27,2	6,4	3,3
Piracicaba	30,1	7,1	27,1	6,3	3,0
Rio Claro	30,1	7,5	26,9	6,5	3,2
Santos	31,4	7,8	28,3	6,5	3,1
São Caetano do Sul	32,7	7,1	30,1	6,1	2,6
São Carlos	31,0	7,4	27,9	6,4	3,1
Sertãozinho	30,0	7,1	26,7	6,3	3,3
Sorocaba	30,3	7,2	27,2	6,4	3,1
Tatuí	29,3	7,6	26,2	6,3	3,1

FONTE: MS (2015). Microdados do SINASC 2013.

Nos outros municípios as médias, os desvios e as diferenças são próximas. Apesar de as médias de pais e mães estarem em grupos quinquenais diferentes – com exceção de São Caetano do Sul – as diferenças não são tão altas, sendo importante analisa-las por grupos etários.

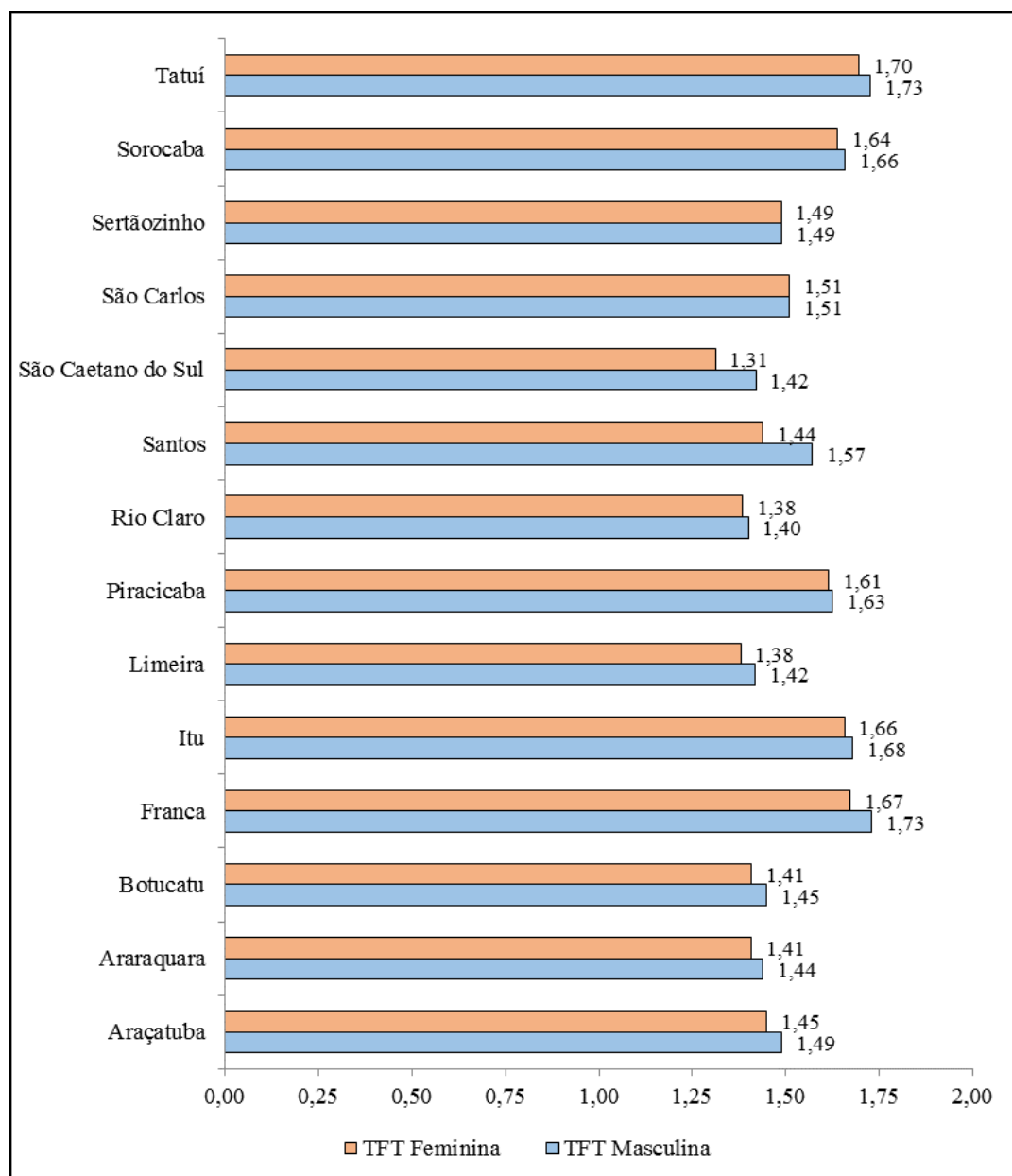
É importante destacar que o percentual de pais mais velhos que as mães varia entre 65,0% (São Caetano do Sul) e 71,6% (Sertãozinho), de acordo com o município. Observa-se que a maior diferença de idade entre mulheres e homens se dá justamente no grupo etário mais jovem. Em todos os municípios, as mães entre 15 e 19 anos são, em média, cinco anos mais jovens que os pais. Essa diferença tem reflexo na taxa específica de fecundidade neste grupo etário, sendo a das mulheres bastante superior a dos homens em todos os municípios como exposto nos Gráficos 2a e 2b.

Essa diferença de idade não é apenas uma realidade destes municípios. Em sua pesquisa sobre fecundidade na adolescência nos Estados Unidos, Hynes et al. (2008) também encontram uma diferença de idade entre pais e mães neste mesmo grupo etário. No geral, as mulheres deste grupo engravidam de homens pelo menos dois anos mais velhos.

Entretanto, essa diferença cai a cada grupo etário e nos últimos dois grupos femininos ela se inverte em 12 municípios. Em Rio Claro, as mães entre 40 e 49 anos são, aproximadamente, dois anos mais velhas que os pais. Em Sertãozinho e Tatuí esta diferença é de aproximadamente um ano e meio. Em Limeira e Piracicaba esta diferença está próxima de um ano. Em Araçatuba, Itu, Santos, São Caetano do Sul, São Carlos e Sorocaba a diferença está entre 0,2 e 1 ano. Apenas em Franca e Araraquara não ocorre esta inversão nos dois últimos grupos etários, porém a diferença de idade entre pais e mães é próxima de zero.

O Gráfico 1 apresenta a TFT de homens e de mulheres nos municípios selecionados. Com exceção de Sertãozinho e São Carlos – cujas TFT's diferem apenas na terceira casa decimal –, a TFT masculina é maior que a feminina. Observa-se que os municípios de Santos, São Caetano do Sul e Franca são os que apresentam as maiores diferenças entre as TFT's, respectivamente, 0,13, 0,11 e 0,06. Entretanto, estas diferenças ainda são inferiores as apresentadas por homens e mulheres dinamarquesas que é de aproximadamente 0,20 (NORDFALK ET AL, 2015). Por fim, é importante destacar que em todos os municípios selecionados as TFT's estão abaixo do nível de reposição.

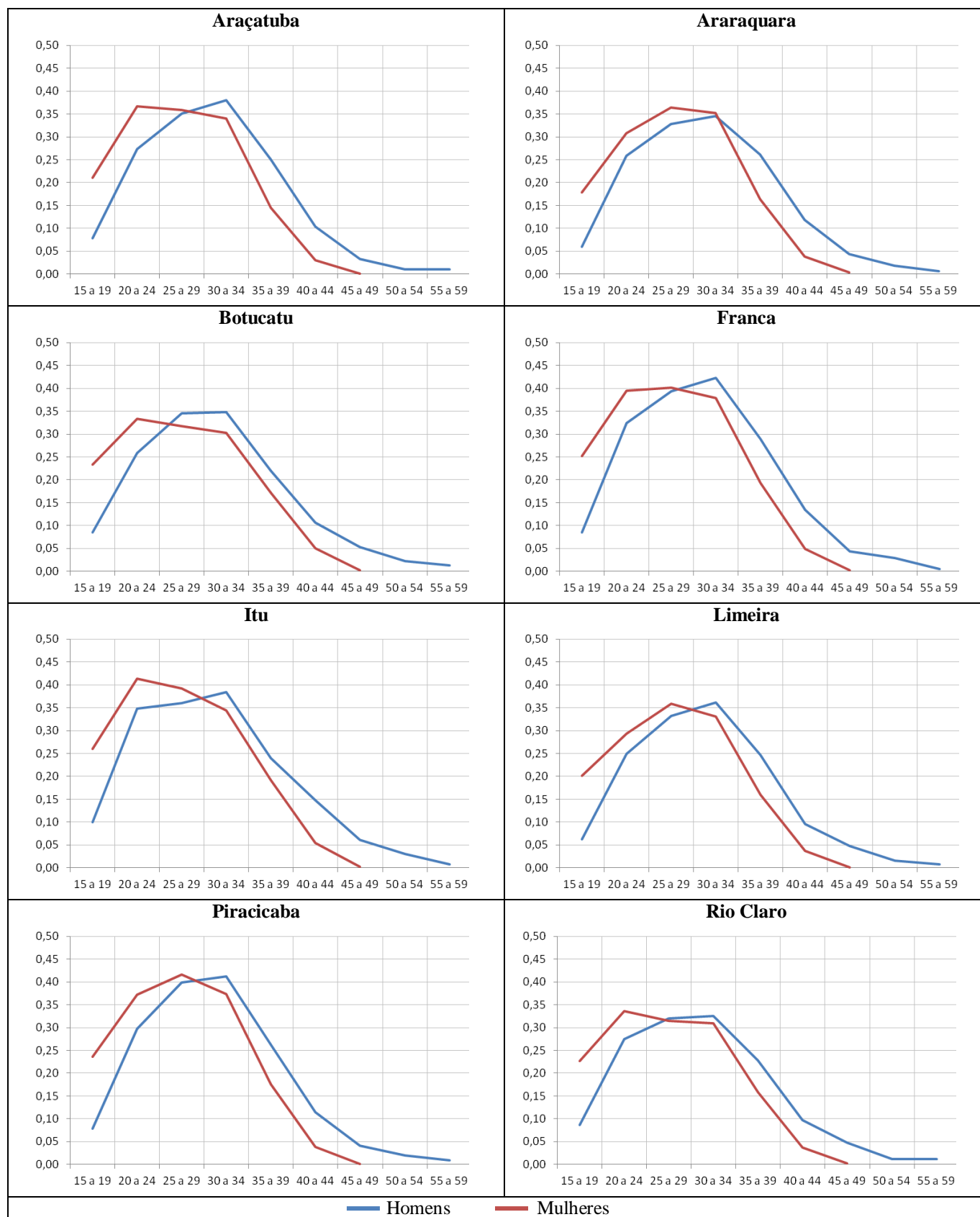
Gráfico 1: Taxa de Fecundidade Total – TFT, dos municípios paulistas selecionados, 2013



FONTE: MS (2015). Microdados do SINASC 2013.

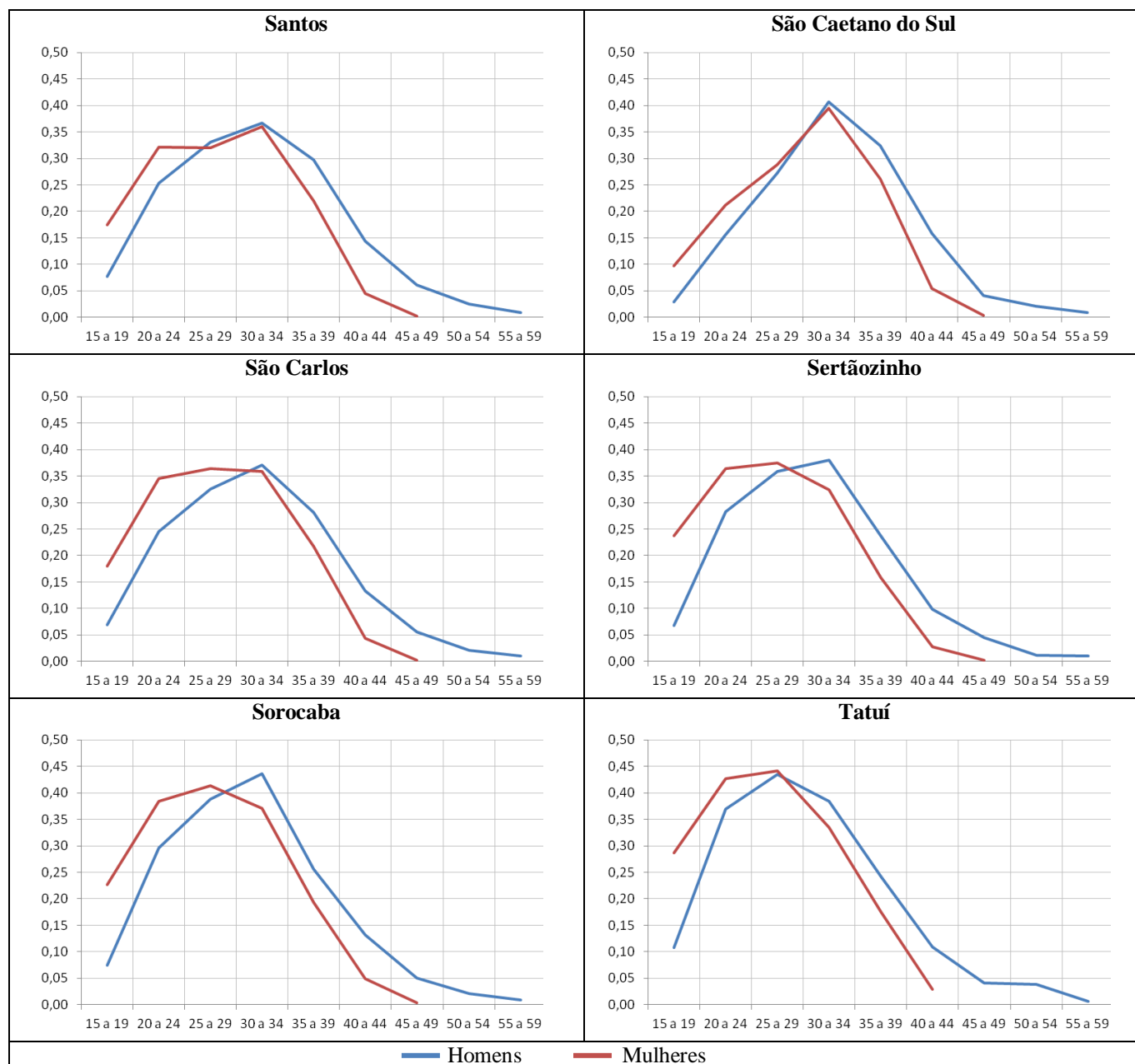
Os Gráficos 2a e 2b apresentam a taxa específica de fecundidade de homens e mulheres dos 14 municípios selecionados. Apenas Tatuí apresenta a cúspide da fecundidade masculina no grupo etário 25 a 29 anos, enquanto nos outros a cúspide está no grupo 30 a 34 anos. Três municípios apresentam a mesma cúspide para homens e mulheres, são eles: Santos, São Caetano do Sul e Tatuí. Considerando aqueles cuja cúspide é dilatada, deve-se incluir São Carlos. Apenas em Santos e São Caetano do Sul a cúspide da fecundidade de ambos os sexos é tardia.

Gráfico 2a: Taxa específica de fecundidade de homens e mulheres por grupos etários, nos municípios selecionados, 2013.



FONTE: MS (2015). Microdados do SINASC 2013.

Gráfico 2b: Taxa específica de fecundidade de homens e mulheres por grupos etários, nos municípios selecionados, 2013.



FONTE: MS (2015). Microdados do SINASC 2013.

Araçatuba, Botucatu, Itu e Rio Claro são os municípios que apresentam a maior diferença entre as cúspides da fecundidade masculina e feminina, respectivamente, 30 a 34 anos e 20 a 24 anos. Ou seja, enquanto os homens apresentam uma cúspide tardia as mulheres apresentam uma cúspide rejuvenescida.

Porém, deve-se observar que em Araçatuba, Botucatu e Rio Claro – além de Franca, São Carlos e Sorocaba – a diferença da fecundidade específica feminina entre os

grupos 20 a 24 anos, 25 a 29 anos e 30 a 34 anos é muito baixa, sendo a diferença entre o maior e o menor valor igual ou inferior a 0,03. Ou seja, apesar destes três municípios apresentarem a cúspide da fecundidade feminina rejuvenescida, esta é muito próxima dos grupos 25 a 29 anos e 30 a 34 anos. A análise conjunta dos Gráficos 2a, 2b e da Tabela 3 reforçam esta constatação, pois a idade média das mães destes três municípios é levemente superior a 30,0 anos.

É importante destacar a diferença da TEF de homens e mulheres no primeiro grupo etário, 15 a 19 anos. Analisando em número absolutos, as mulheres desta faixa têm pelo menos o dobro de filhos que os homens, chegando a ultrapassar o triplo em alguns municípios. Considerando as informações da Tabela 2 que indicam – em todos os municípios – uma quantidade de homens um pouco superior a de mulheres neste grupo mais jovem, é natural que a diferença da taxa específica neste grupo torne-se grande.

São Caetano do Sul é quem detém as menores taxas para este grupo etário para homens e mulheres, respectivamente, 0,03 e 0,10 – curiosamente, é o que apresenta a maior diferença uma vez que as mulheres deste grupo tiverem 3,3 vezes mais filhos que os homens em 2013. A critério de comparação, neste grupo, a segunda menor taxa masculina é 0,06 em Araraquara e Limeira, e a segunda menor taxa feminina é 0,17 em Santos. Já as maiores taxas neste grupo para homens e mulheres é em Tatuí, respectivamente, 0,11 e 0,29.

O município de São Caetano do Sul ainda se destaca pela taxa específica de fecundidade – tanto a masculina quanto a feminina – com um formato de um triângulo, distinguindo-o dos demais. A TEF apresentada pelos homens é similar ao apresentado pelos homens dinamarqueses em 2010 (NORDFALK et. al., 2015) e pelos homens gregos em 2011 (TRAGAKI; BAGAVOS, 2014). O município é o único cuja fecundidade acumulada após a cúspide (35 a 59 anos) é maior que a fecundidade acumulada antes da cúspide (15 a 29 anos). Quanto a fecundidade feminina, este município é único em que a fecundidade acumulada entre 30 e 49 anos é superior a 15 e 29 anos.

Por fim, observa-se que a fecundidade acumulada dos homens ultrapassa a das mulheres a partir dos 40 anos. Em Santos e São Caetano do Sul a fecundidade acumulada masculina ultrapassa a feminina no grupo etário 40 a 44 anos. Em Araçatuba, Araraquara, Botucatu, Franca e Limeira no grupo 45 a 49 anos. Itu,

Piracicaba, Rio Claro, Sorocaba e Tatuí só ultrapassam a fecundidade acumulada feminina após o fim do período fértil das mulheres. Ou seja, os municípios que apresentam a maior diferença entre as TFT's masculina e feminina – São Caetano do Sul e Santos – são aqueles em que os homens ultrapassam mais cedo a fecundidade acumulada das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das limitações das informações do SINASC, foi possível calcular a TFT e a TEF dos homens nos municípios que obedeceram o critério de seleção da pesquisa, sendo o resultado coerente com outros estudos desenvolvidos dentro e fora do Brasil. Observa-se que nos municípios selecionados do Estado de São Paulo, com exceção de Tatuí, a fecundidade masculina é tardia (30-34 anos). Com exceção de três municípios, a fecundidade feminina mostra-se mais rejuvenescida que a dos homens. Chama a atenção, também, o padrão da curva da TEF de São Caetano do Sul que se distingue dos outros municípios e se aproxima do padrão dos homens dinamarqueses e gregos.

Quanto a composição das idades de pais e mães, fica evidente o padrão de pais mais velhos que as mães, principalmente no primeiro grupo etário feminino. Entretanto, nos dois últimos grupos, 12 municípios apresentam uma inversão deste padrão.

Em 12 municípios, também, constatou-se que a TFT masculina é maior que a feminina, sendo que ambas encontram-se abaixo do nível de reposição. Entretanto, em nenhum município a diferença da TFT de homens e mulheres foi muito expressiva.

É importante considerar que todos os municípios selecionados apresentam o IDH Municipal alto ou muito alto – o menor IDHM é de Tatuí (0,752) e o maior de São Caetano do Sul (0,862) – e uma renda domiciliar *per capita* superior a brasileira – a menor renda é de Tatuí (R\$ 771,05) e a maior de São Caetano do Sul (R\$ 2.043,74) PNUD (2010). No caso de São Caetano do Sul – cujos resultados aproximam-se mais de países europeus que dos outros municípios selecionados – trata-se do maior IDHM e da maior renda domiciliar *per capita* do Brasil. Porém, no geral, não há grandes contrastes socioeconômicos entre estes municípios. Desta forma, os resultados encontrados por esta pesquisa não apresentam grandes discrepâncias. Analisar a fecundidade masculina nos municípios menos desenvolvidos do Brasil é fundamental para compreender esse fenômeno.

Porém, para refinar estes estudos com base nas informações do SINASC, seria importante reduzir a quantidade de registros cuja a idade do pai não foi declarada. Compreende-se que em alguns casos essa não declaração pode ser fruto do desconhecimento do pai, da negação da paternidade, da decisão da mulher de criar o filho sozinha ou de uma gravidez fruto de inseminação artificial. Entretanto, não acredita-se que estes casos sejam muito numerosos comparados ao total de nascidos vivos. Assim, a alta quantidade de não declaração pode ser em consequência da falta de preenchimento deste campo pelo responsável por esta atividade no Hospital – ou no Cartório. Considera-se importante, também, incluir mais informações sobre o pai na DNV do recém-nascido, entre elas: o município de residência, escolaridade e raça/cor.

Apesar de uma boa cobertura no Estado de São Paulo, sabe-se que o SINASC ainda apresenta um déficit de cobertura em alguns Estados – principalmente das Regiões Norte e Nordeste. Portanto, é necessário continuar os esforços de ampliação da cobertura do SINASC, considerando que este é um registro administrativo cujas informações podem ajudar nos estudos da fecundidade no Brasil – municípios e UF's –, seja feminina ou masculina.

Por fim, cabe aqui agradecimentos à professora Suzana Cavenaghi pelas contribuições dadas para esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BACHU, A. **Fertility of american men**. Population Division Working Paper, U. S. Bureau of the Census, n. 14, 1996.
- BADIANI, R.; CAMARANO, A. A. **Homens brasileiros: percepções, conhecimentos e atitudes em saúde reprodutiva**. Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1998.
- CARVALHO, J. A. M.; SAWYER, D. O.; RODRIGUES, R. N. **Introdução a alguns conceitos básico e medidas em demografia**. 2 ed. São Paulo: ABEP, 1998.
- CONASS. **Vigilância em Saúde Parte 1 – Coleção para Entender o SUS Volume 5**. Brasília: CONASS, 2011.
- HYNES, K.; JOYNER, K.; PETERS, H. E.; DELEONE, F. Y. **The transition to early fatherhood: National estimates based on multiple surveys**. Demographic Research, v. 18, p. 337-376, 2008.
- IBGE. **Censo Demográfico – Instruções ao recenseador**. 1960.

JORGE, M. H. P. M.; LAURENTI, R.; GOTLIEB, S. L. D. **Análise da qualidade das estatísticas vitais brasileiras: a experiência de implantação do SIM e do SINASC.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 12, n. 3, p. 643-654, 2007.

MARTINEZ, M.; DANIELS, K.; CHANDRA, A. **Fertility of men and women aged 15-44 years in the United States: National Survey of Family Growth, 2006-2010.** *National Health Statistics Reports*, n. 51, 2012.

MS. **Consolidação do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos – 2011.** Coordenação Geral de Informações e Análises Epidemiológicas, Ministério da Saúde, 2013.

_____. **Manual de Instruções para o Preenchimento da Declaração de Nascido Vivo.** 4 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

_____. **Microdados do Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos.** 2013.

NISÉN, J.; MARTIKAINEN, P.; SILVENTOINEN, K.; MYRSKYLÄ. **Age-specific fertility by educational level in the Finnish male cohort born 1940-1950.** *Demographic Research*, v. 31, p. 119-136, 2014.

NORDFALK, F.; HVIDTFELDT, U. A.; KEIDING, N. **TFR of males in Denmark – calculation and tempo-correction.** *Demographic Research*, v. 32, p. 1421-1434, 2015.

OLIVEIRA, M. C. **O lugar dos homens na reprodução.** In: *Género, familias y trabajo: rupturas y continuidades. Desafios para la investigación política.* Buenos Aires: CLACSO, 2007.

PNUD. **Atlas do Desenvolvimento Humano.** 2010. <<Acessado em: 29 de abril de 2016>>

TRAGAKI, A.; BAGAVOS, C. **Male fertility in Greece: Trends and differentials by education level and employment status.** *Demographic Research*, v. 31, p. 137-160, 2014.

ZHANG, L. **Male fertility patterns and determinants.** *Springer Series on Demographic Methods and Population Analysis*, n. 27, 2011.